

# NA CIDADE, VIDA DE BRANCO

Andrea Cordeiro  
Da equipe do Correio

O índio que vive na cidade se parece com o homem branco. Usa calças jeans, vestidos, chinelos e as meninas exibem unhas feitas. Têm nomes de branco, como José, Francisco ou Maria. Mas os cabelos escuros e lisos e os traços revelam a origem já no primeiro contato. Essa possível semelhança poderia ficar só na aparência. No entanto, a mendicância também os torna tão brancos quanto qualquer brasileiro que passa fome.

As dificuldades não os torna agressivos ou inimigos dos brancos. "Gosto de ser amiga deles, mesmo quando não me ajudam quando peço alguma coisa", afirma a filha de Xavante com Bororo, Dalva, 45 anos. Ela e os outros 60 índios que moram em uma pensão na 703 Sul recorrem aos moradores das quadras vizinhas quando precisam de roupas, dinheiro ou apenas um cigarro. "Só não gosto quando eles (brancos) matam os índios", completa, sem tirar os olhos do bordado que faz, pacientemente.

O branco não é mais um inimigo. Maria Joana Batista, 36 anos, já tem inimigos dentro da sua tribo. Nasceu e viveu até há dois meses na aldeia dos Quiriri,

Carlos Vieira



A índia Maria Joana e os filhos. Brasília tem uma população indígena que vive em pensões

## ÍNDIOS

# Em Brasília, eles abandonam suas culturas e tornam-se *brancos*. Têm nomes como José e João, vestem calça jeans e pedem esmola pelas ruas como mendigos

Fotos: Sergio Amaral 08.11.98



no interior da Bahia. Mas a divisão de caciques, estabelecida por eles mesmos, a expulsou com mais 15 quiriris. "Fugimos correndo porque o cacique Lázaro queria nos matar. Ele quer ser o único cacique", revela, com tristeza.

Sem aldeia e sem casa para morar com o marido e dois filhos, José Hélio, 10 anos, e Adileuza, 15, Maria veio para Brasília pedir nova terra aos brancos da Funai.

### IGUALDADE

Maria lembra de pouca coisa sobre a história de sua tribo. Reluta para entrar em detalhes porque "não sabe decorar a história na cabeça para depois contar". Ela apenas lembra que há muito tempo, quando o branco ainda não havia chegado à aldeia, os índios eram mais tranquilos, pescavam na lagoa e comiam o que havia por perto. "Meu avô catava inhamé para comer, antes do branco aparecer para tomar nossa terra."

Hoje, Maria tem preocupações de gente branca: precisa andar pelas ruas do Plano Piloto para pedir roupas e os filhos estão longe da escola desde que deixaram a aldeia. "Lá a gente tinha uma professora da Funai, aqui não. É importante estudar para depois não se arrepen-der", avisa, levando as mãos aos cabelos longos e brilhantes que ela jura lavar só com sabão de pedra.

A aparente passividade desses habitantes das pen-sões, localizadas nas quadras 700 da Asa Sul, esconde que poucos ainda se revoltam com a direção da Funai. O pataxó Atevaldo Rezende da Silva, 32 anos, de início, reluta falar sobre o branco. "Ele (branco) precisaria falar dele para mim, para que eu conhecesse ele e falasse dele", esquivava-se. Mas, diante da insistência, revela uma

convivência difícil. "Eles querem copiar o artesanato que o índio faz", reclama, enfim. Para ele, o branco e o índio deveriam ser iguais e o índio deveria cuidar da Funai. "Só botam o branco para ficar em cima da gente. Não queremos ficar embaixo das ordens deles", dispara.

### VISITA AO MUSEU

Um grupo de crianças brancas visita o Museu do Índio, que fica perto do Palácio do Buriti. Meninos e meninas da Escola Canarinho estiveram lá na última sexta-feira. A visita faz parte do calendário escolar. Afinal, o Dia do Índio está chegando e a curiosidade é grande.

Mais que ouvir explicações, queriam ver tudo. "Gente, olha essa panela de barro. É feita pelas índias para preparar a comida", conta a professora. "Pôxa, é mesmo? Parece um chapéu", estranha Iago Campos Maneri, cinco anos, do Jardim II. "Depois a índia coloca a comida na geladeira, não é?", pergunta a coleguinha, sem saber que em terra de índio o que se caça é comido no mesmo dia.

Érica Tomita, cinco anos, do Jardim II, de tudo que viu foi a oca o que mais chamou atenção. "Gostaria de morar lá para dormir na rede", disse a menina que achou engraçado índio não vestir roupa e pintar o corpo. "Sabia que o índio põe fogo debaixo da rede para espantar mosquito?", gritou Daniel Martins Catoira, orgulhoso por demonstrar conhecimento.

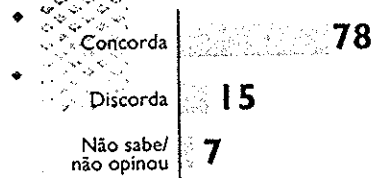
Por fim, a pergunta inevitável, quem ali já tinha visto um índio? "Eu já vi. Vesti de índia no carnaval", vai logo explicando Vitória. Aliás, "cadê o índio?", outra pergunta natural. Afinal, estavam num museu indígena que não tinha índio. Coisas da civilização. (Colaborou Márcia Vitória)

Class	106
Data	10/17/2000
Página	4
Fonte	CPB
SOCIOANTROPOLÓGICA	Documentação



### LADO RUIM DOS BRANCOS Em %

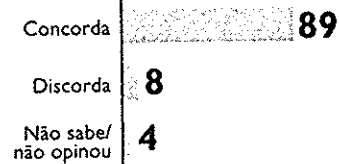
Os índios são bons mas aprendem muitas coisas ruins com os brancos?



Fonte: ISA/IBOPE

### REAÇÃO Em %

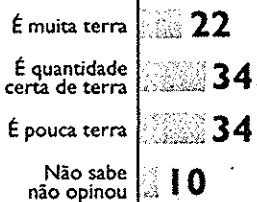
Os índios são violentos apenas com os que invadem as suas terras?



Fonte: ISA/IBOPE

### TERRA INSUFICIENTE Em %

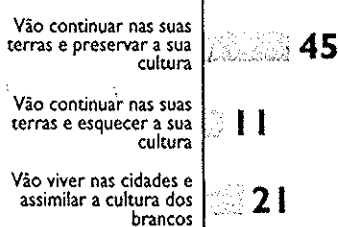
Qual dessas frases expressa a sua opinião sobre a quantidade de terras que os índios possuem para viver?



Fonte: ISA/IBOPE

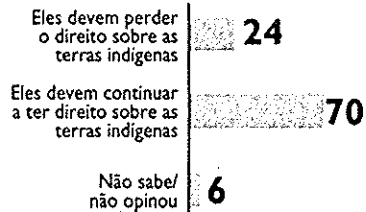
### FUTURO GARANTIDO Em %

Qual destas frases melhor expressa a sua opinião sobre o futuro dos índios brasileiros?



### DIREITO À TERRA Em %

Qual dessas frases expressa sua opinião sobre os índios que falam português e se vestem como brancos?



CB  
Data: 10/04/00 1,3 e 4  
Class: CONT. 106

## DEPOIMENTOS

### MARCOS TERENA

Coordenador geral do Departamento dos Direitos Indígenas da Funai e articulador indígena junto às Nações Unidas

■ *"Essa pesquisa ISA/IBOP mostra que valeu a pena os índios se organizarem a partir de 1977, com a criação da União das Nações Indígenas. Éramos 15 índios estudantes em Brasília. Valeu a pena o gravador do Juruna e até mesmo o sacrifício de muitos líderes assassinados na luta pela terra. Esses dados demonstram que os índios não estão sozinhos. O que falta é entender que os indígenas precisam de oportunidades concretas para o fortalecimento cultural e econômico, com a implantação da educação bilíngüe, como vem sendo feito pelo MEC e pela Funai. Espero que em 2001 seja criada a Universidade Indígena do Mato Grosso. Os índios só terão força política na Funai quando tiverem força política no Legislativo, quando conseguirem eleger mais vereadores e prefeitos este ano e mais deputados estaduais e federais em 2002. O branco que torce pelo índio tem que ajudá-lo, com o voto."*

### ALOÍZIO MERCADANTE

Deputado federal PT-SP e autor do projeto que cria o Estatuto das Sociedades Indígenas

■ *"É digno de registro a sensibilidade do povo brasileiro. O principal valor difundido em nosso processo de colonização foi a cobiça. Durante 200 anos buscamos o ouro de forma predatória e quando ele acabou, tentamos escravizar o índio. Esse novo olhar é também fruto do surgimento dos princípios da ecologia e do respeito à natureza. Os índios representam o equilíbrio necessário, com eles, aprendemos a valorizar a diversidade e a conviver com as diferenças"*

### CARLOS MARÉS

Presidente da Funai

■ *"Acho que o brasileiro, de modo geral, sempre teve uma imagem positiva dos índios. Digo a sociedade moderna, não os colonizadores. As brigas e os enfrentamentos se dão por interesses de elites localizadas. Há dois momentos na história extremamente receptivos aos direitos indígenas: na década de 70, quando os militares quiseram decretar a emancipação dos índios; a população reagiu e impediu que se consumasse o que seria o fim de uma cultura; e na Constituinte de 1985, quando os direitos indígenas ganharam espaço. A política indigenista do governo tem sido boa quanto à demarcação das terras, embora ainda seja necessário readequar as áreas demarcadas antes de 1988. Mas deixa a desejar quanto à manutenção da própria vida, ou seja, faltam políticas de saúde, educação e capacitação para o trabalho"*

### ROMERO JUCÁ

Senador pelo PSDB-RR

■ *"Fico feliz com o resultado da pesquisa porque demonstra um nível de conscientização muito grande. Eu sempre disse que a questão indígena não diz respeito só ao governo, mas também à relação que a sociedade branca tem com os não-brancos. Nossa política oficial precisa de ajustes, especialmente na demarcação das terras. Os cinco anos determinados pela Constituição já se passaram e o trabalho não foi concluído. Acho que se a Funai fosse transformada numa Agência Nacional poderia estar mais articulada com a sociedade. Não entendo porque o Estatuto do Índio ainda não foi votado"*

### LUX VIDAL

Professora de antropologia da USP e presidente da Comissão de Assuntos Indígenas, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA)

■ *"A imagem dos índios é mesmo muito positiva, até porque eles representam a vida, a liberdade, a sinceridade. Essa receptividade foi conseguida graças às organizações dos índios, que lutaram e ainda lutam por seus direitos. O governo brasileiro é muito omissivo, não faz o que deveria fazer para superar as contradições. Deveria, por exemplo, votar logo o Estatuto das Sociedades Indígenas, que está parado há anos no Congresso"*